

O entardecer da vida entre as filhas do sagrado coração de Jesus: memória, cuidado e experiência religiosa em perspectiva etnográfica

Ana de Souza

Universidade Federal de Alagoas

anadesouza.as23@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-2245-7527>

RESUMO

Este artigo investiga o envelhecimento entre as Filhas do Sagrado Coração de Jesus em Maceió/AL, com base em observação-participante realizada ao longo de doze meses consecutivos, entre março de 2024 e maio de 2025. A partir das narrativas das religiosas e das práticas cotidianas observadas no contexto congregacional, analisam-se as representações do “entardecer da vida” e os modos pelos quais memória, cuidado e espiritualidade participam da construção e da atualização de identidades na velhice. Os dados etnográficos indicam que o envelhecimento, entre as religiosas, não é vivido como ruptura ou simples declínio, mas como continuidade da missão, aprofundamento da experiência de fé e reafirmação do pertencimento comunitário. A memória individual e coletiva, mediada pela vivência congregacional, sustenta a permanência simbólica do carisma, enquanto o cuidado mútuo ressignifica a velhice como tempo de reciprocidade, sentido e elaboração moral da existência. Sustenta-se, assim, que o “entardecer da vida”, no contexto analisado, constitui uma experiência social, simbólica e religiosa, contribuindo para os debates da Antropologia do Envelhecimento e da Antropologia da Religião.

Palavras-chave: Envelhecimento; Filhas do Sagrado Coração de Jesus; Cuidado; Identidade; Memória.

The twilight of life among the daughters of the sacred heart of Jesus: memory, care, and religious experience from an ethnographic perspective

ABSTRACT

This article investigates aging among the Daughters of the Sacred Heart of Jesus in Maceió, Alagoas, based on participant observation conducted over twelve consecutive months, from March 2024 to May 2025. Drawing on the nuns' narratives and the daily practices observed within the congregational context, this study analyzes representations of "the twilight of life" and the ways in which memory, care, and spirituality contribute to the construction and renewal of identities in old age. The ethnographic data indicate that aging, among the nuns, is not experienced as a rupture or mere decline, but as a continuation of the mission, a deepening of the experience of faith, and a reaffirmation of community belonging. Individual and collective memory, mediated by congregational life, sustains the symbolic permanence of the charism, while mutual care reframes old age as a time of reciprocity, meaning, and the moral elaboration of existence. It is thus argued that the "twilight of life," in the context analyzed, constitutes a social, symbolic, and religious experience, contributing to the debates in the Anthropology of Aging and the Anthropology of Religion.

Keywords: Aging; Daughters of the Sacred Heart of Jesus; Care; Identity; Memory.

El atardecer de la vida entre las hijas del sagrado corazón de Jesús: memoria, cuidado y experiencia religiosa desde una perspectiva etnográfica

RESUMEN

Este artículo investiga el envejecimiento entre las Hijas del Sagrado Corazón de Jesús en Maceió (Alagoas), basándose en una observación participante llevada a cabo a lo largo de doce meses consecutivos, entre marzo de 2024 y mayo de 2025. A partir de los relatos de las religiosas y de las prácticas cotidianas observadas en el contexto congregacional, se analizan las representaciones del "atardecer de la vida" y las formas en que la memoria, el cuidado y la espiritualidad participan en la construcción y la actualización de las identidades en la vejez. Los datos etnográficos indican que el envejecimiento, entre las religiosas, no se vive como una ruptura o un simple declive, sino como una continuidad de la misión, una profundización de la experiencia de fe y una reaffirmación de la pertenencia a la comunidad. La memoria individual y colectiva, mediada por la experiencia congregacional, sustenta la permanencia simbólica del carisma, mientras que el cuidado mutuo reinterpreta la vejez como un tiempo de reciprocidad, sentido y elaboración moral de la existencia. Se sostiene, así, que el "atardecer de la vida", en el contexto analizado, constituye una experiencia social, simbólica y religiosa, que contribuye a los debates de la Antropología del Envejecimiento y de la Antropología de la Religión.

Palabras clave: Envejecimiento; Hijas del Sagrado Corazón de Jesús; Cuidado; Identidad; Memoria.

Introdução

“Ao entardecer de nossa vida não seremos julgados sobre o amor de forma genérica, mas sobre a caridade que praticamos, ou seja, o amor que realizamos de modo concreto (Papa Francisco, Angelus, 26 nov. 2017)”.

O envelhecimento, embora constitua um processo biológico comum a todos os seres humanos, assume significados distintos quando analisado a partir das mediações culturais, das práticas sociais e das relações estabelecidas com o tempo, a memória e a experiência vivida. No contexto etnográfico das Filhas do Sagrado Coração de Jesus (FSCJ), a expressão “entardecer da vida” emerge como uma categoria simbólica mobilizada pelas próprias Irmãs para interpretar o envelhecer não como ruptura ou esvaziamento, mas como continuidade da missão e aprofundamento vocacional. Assim, o tempo vivido é ressignificado à luz da memória compartilhada, da pertença comunitária e das formas concretas de cuidado e serviço que estruturam suas trajetórias, conferindo à velhice densidade existencial e sentido coletivo.

Por outro lado, o envelhecimento observado como fenômeno biológico universal, adquire contornos culturalmente específicos quando examinado à luz dos sistemas de significados, das práticas sociais e das relações com o tempo e a memória. Sob o olhar antropológico, a velhice transcende as noções de declínio corporal ou de desengajamento produtivo, situando-se em um complexo universo simbólico que articula identidades, narrativas biográficas, afetos e formas de pertencimento. Nesta perspectiva, como compreende Minayo (2012), envelhecer constitui um processo social e historicamente situado, impregnado de valores culturais e construções simbólicas que conferem inteligibilidade à experiência dos anos avançados.

Se, por um lado, trata-se de uma condição comum à humanidade, por outro, a interpretação e a gestão social da velhice são profundamente moldadas por valores, crenças e estruturas sociais particulares, que variam de forma notável entre contextos tradicionais e modernos (Silva; Bezerra; Silva, 2025). Nesse sentido, definir a categoria “idoso” implica considerar uma miríade de aspectos interligados — culturais, sociais, econômicos, biológicos e psicológicos. Dado esse relativismo conceptual, torna-se inviável postular uma definição precisa e universal de faixa etária. Em contrapartida, organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e ordenamentos jurídicos

nacionais, a exemplo do brasileiro, operacionalizam critérios etários entre os 60 e 65 anos, respectivamente — para fins de inclusão de indivíduos em políticas públicas.

Nesse processo de transformação das representações sociais, observam-se mudanças significativas contemporâneas nas relações sociais e no lugar ocupado por grupos considerados idosos. Em sociedades de matriz tradicional, a velhice comumente era associada à sabedoria, à experiência e a posições de autoridade respeitada (Silva; Bezerra; Silva, 2025). Desse modo, o contexto moderno e globalizado testemunha uma progressiva marginalização dessa população, impulsionada por uma lógica produtivista e consumista que idolatra a juventude e a novidade (Silva; Bezerra; Silva, 2025).

A esse respeito, Beauvoir (1990), em sua seminal obra “A Velhice”, argumenta que esse período da vida era tradicionalmente regido pelo princípio da transmissão, no qual o ancião atuava como guardião e elo de continuidade de valores e tradições entre gerações. Essa perspectiva teórica pode ser associada à de Minayo (2012) quando ambas destacam questões simbólicas e históricas do envelhecimento.

Ao refletir sobre os significados da velhice, Dardengo e Mafra (2018) desenvolvem uma análise histórico-social que evidencia como essa etapa da vida foi sendo construída ao longo do tempo. Segundo essas autoras, a velhice não pode ser compreendida apenas a partir de critérios cronológicos, mas deve ser vista como uma “invenção social” que se transforma conforme os contextos sociais, econômicos, culturais e políticos. Em determinados períodos históricos, foi associada à “decadência, doença e morte”; em outros, foi valorizada como espaço de saberes e poderes adquiridos com a maturidade, ocupando lugar de respeito e reconhecimento (Dardengo e Mafra, 2018, p.17–18).

Ao direcionar o foco para o cenário brasileiro contemporâneo, verifica-se que o envelhecimento populacional representa não apenas um desafio demográfico e de saúde, mas também uma questão social e cultural de extrema relevância. Quando essa problemática é observada no universo específico de mulheres consagradas à vida religiosa, como as FSCJ, emergem camadas analíticas singulares que entrelaçam fé, memória, identidade e pertencimento.

Ademais, a imersão nas experiências das FSCJ revela que a memória opera não simplesmente como um arquivo do passado, mas como um eixo dinamicamente envolvido na construção e na sustentação contínua de suas identidades. Suas trajetórias individuais se entrelaçam ao projeto coletivo da vida religiosa, ilustrando como o processo de envelhecer é vivido e ressignificado em um espaço comunitário imbuído de espiritualidade, cuidado mútuo e silêncio contemplativo. Conforme destacam Alves e Oliveira (2020, p.

6), a vida consagrada constitui “um espaço de construção de memória coletiva, que ao longo dos tempos deixa suas marcas escritas no livro da história”.

Um elemento central que caracteriza muitas dessas congregações é sua dimensão missionária transcultural, marcada pela inserção em contextos diversos com o fim de evangelização e de serviço humanitário em defesa da vida e da dignidade (Alves; Oliveira, 2020). Desse modo, a atuação em territórios longínquos evidencia a entrega e o compromisso das religiosas em responder às necessidades humanas urgentes, sobretudo em cenários de vulnerabilidade social. Como mencionam os autores, trata-se de um comprometimento que “abre um horizonte de esperança para que as pessoas empobrecidas possam encontrar um espaço que proporcione seu desenvolvimento” (Alves; Oliveira, 2020, p. 16).

Além disso, o trabalho missionário das FSCJ ancorado em uma espiritualidade específica, concentrou-se na promoção dos direitos humanos e no amparo às famílias em situação de vulnerabilidade, particularmente mulheres e crianças atingidas pela pobreza e pela violência estrutural. Nessa perspectiva, o envelhecer não é compreendido como um período de passividade, mas como a continuidade de uma missão, sustentada pela “força do amor-compaixão para os que sofrem pela violência” (Alves; Oliveira, 2020, p. 20). Portanto, a velhice é experienciada como uma etapa na qual a pessoa “continua se desenvolvendo, desfrutando da vida” (Alves; Oliveira, 2020, p.2), transformando as experiências acumuladas em um terreno fértil para colher os frutos de uma trajetória de doação.

Diante do exposto, e a partir de observações etnográficas realizadas no cotidiano da congregação, este artigo busca analisar como as FSCJ idosas constroem, compartilham e atualizam suas memórias. Além disso, busca-se registrar de que modo suas narrativas participam ativamente da manutenção de suas identidades, mesmo diante das transformações físicas, cognitivas e institucionais inerentes à senescência. Dessa forma, almeja-se contribuir para os estudos antropológicos do envelhecimento, notadamente no âmbito da Antropologia da Religião, evidenciando que o “entardecer da vida” pode se configurar como uma etapa de densidade existencial, marcada pela permanência dos vínculos, pela reinterpretção do passado e pela contínua reafirmação do pertencimento a um projeto coletivo maior dentro do âmbito da religiosidade.

Envelhecimento, Memória e Identidade: Fundamentos Teóricos

A vida religiosa das FSCJ é concebida enquanto consagrada em sua origem de profunda paixão por Jesus Cristo e pela humanidade. Nesse sentido, ao longo de sua trajetória histórica, destacam-se trechos bíblicos que expressam essa atitude motivacional ao engajamento a essa congregação. Observa-se uma busca constante por conformar-se aos “mesmos sentimentos de Cristo” (Filipenses 2:5), de modo a edificar sua identidade a partir d’Ele, numa experiência de adesão total — “já não sou eu quem vivo, mas Cristo que vive em mim” (Gálatas 2:20). Quando se verificam distanciamentos desse ideal de configuração, a vida religiosa demonstra notável capacidade de se reinventar, preservando, contudo, sua essência fundamental, expressa no que Prates (2019, p. 213) denomina de “núcleo identitário, que é a comunhão-fraterna”, entendido como raiz e razão de ser da Vida Religiosa Consagrada (VRC).

De acordo com Prates (2019, p. 213), esse “núcleo identitário, que é a comunhão-fraterna”, constitui a raiz e a razão de ser da VRC, pois nasceu para ser ícone da comunhão trinitária¹. O autor explica que é nesse alicerce que se sustentam as dimensões indissociáveis da experiência profunda de Deus, da missão e da vida fraterna, que, ao mesmo tempo, estruturam e qualificam a dimensão místico-profética da VRC.

À luz desse entendimento, pode-se afirmar que tais elementos não apenas sustentam a vida consagrada, mas também orientam suas expressões no mundo, conferindo sentido às práticas cotidianas, inclusive no envelhecimento das consagradas. Afinal, a vivência comunitária, a missão (mesmo quando ressignificada pela idade avançada) e a experiência espiritual continuam reafirmando esse núcleo identitário, ainda que sob novas formas de atuação e de cuidado mútuo.

Esses aspectos não atuam de forma isolada, mas se articulam entre si, de modo que a espiritualidade dá sentido à ação religiosa, esta fortalece a fraternidade, e a vida comunitária sustenta a experiência de fé.

Em termos antropológicos, pode-se dizer que o núcleo identitário revela como a dimensão místico-profética da vida consagrada é construída e mantida socialmente, por

¹ A comunhão-fraterna, núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada, nasce para ser ícone da comunhão trinitária. Segundo Prates (2019), ela expressa o mistério de unidade e relação presente entre as três Pessoas divinas e se traduz na vida comunitária como testemunho de fraternidade, superação da violência e construção de vínculos de cuidado. Assim, a vida consagrada é chamada a tornar-se sinal visível dessa comunhão, sendo mediação histórica do amor trinitário no mundo.

meio de práticas, símbolos e relações que garantem a continuidade e a coerência desse modo de vida.

Para Michael Pollak (1989), a memória conecta o sujeito ao grupo, garantindo continuidade e legitimidade às trajetórias. No caso específico das FSCJ idosas, a memória adquire centralidade: permite ressignificar percursos, fortalecer laços comunitários e sustentar simbolicamente vidas dedicadas à fé. Ainda que possa parecer uma experiência individual, Halbwachs (1990) demonstra que a memória é, sobretudo, um fenômeno coletivo, construído socialmente e atravessado por negociações e transformações. Por esse viés, Pollak (1989) lembra que, apesar de fluida, a memória se ancora em marcos relativamente estáveis e pode até assumir a forma de “memória herdada” (p. 201–204), transmitida de geração em geração, perpetuando identidades coletivas.

No campo religioso, essa articulação entre memória e identidade se torna particularmente evidente. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) reconhece que, à medida que cresce a longevidade, a VRC também experimenta o aumento do número de consagradas na terceira idade. Essa realidade impõe novos desafios, por exemplo a limitação física, a convivência com problemas de saúde crônicos e a vivência do entardecer da vida enquanto processo de envelhecimento. Por outro lado, abre espaço para novas interpretações da consagração, nas quais a memória da missão vivida confere sentido ao presente e fortalece a identidade coletiva e de pertencimento.

Com efeito, Suárez (2005) e outras pesquisadoras latino-americanas, refletem que as narrativas das congregações religiosas não se restringem a histórias individuais, mas formam um patrimônio simbólico que legitima a continuidade institucional e missionária. No caso das FSCJ, foi possível observar, em Maceió, que a memória coletiva ressoa com o protagonismo histórico das mulheres na vida religiosa. Bianchi (2015) aponta que o processo de feminização do catolicismo no século XIX abriu às religiosas espaços de mobilidade social, educação e ação pública. Corroborando essa perspectiva, García Bossio (2015) observa que, ao consagrarem suas vidas dedicadas à fé, essas mulheres conquistaram uma autonomia relativa, ainda que em diálogo e, muitas vezes, em tensão com a hierarquia eclesial.

Quando analisado à luz da vida consagrada, o envelhecimento das FSCJ coloca em evidência desafios específicos. Beauvoir (1970) compreende que a velhice frequentemente é marcada por um “passado imobilizado” (p.466) e por um futuro reduzido, o que pode comprometer a vitalidade. Além disso, em sociedades modernas regidas pela lógica produtivista, os idosos tendem a ser associados à obsolescência. Entretanto, Beauvoir

(1970) ressalta que a velhice não deve ser concebida apenas como perda, mas como um movimento paradoxal, capaz de oferecer novas formas de sentido e de ressignificação da identidade.

Um deslocamento de sentido do envelhecer se intensifica com a transição para a sociedade industrial e capitalista, em que os idosos foram gradualmente marginalizados em nome da utilidade e da juventude (Beauvoir, 1990 apud Perufo, 2014). Nesse ponto, a leitura de Bauman (2001) sobre a modernidade líquida é esclarecedora: em um tempo marcado pela descartabilidade e pela fluidez, os idosos tornam-se invisibilizados. Superar essa lógica implica valorizar a experiência acumulada, propor políticas inclusivas e reafirmar a dignidade da terceira idade (Silva; Bezerra; Silva, 2025).

Desse modo, compreender o “entardecer da vida” das FSCJ à luz da Antropologia significa (re)afirmar os espaços de protagonismo que ocuparam ao longo da história. Também revelar novos significados dessas (re)existências, a partir da ressignificação de suas trajetórias individuais. Nessa etapa da vida, a memória não apenas preserva experiências pessoais, mas também consolida o legado coletivo da Congregação, garantindo continuidade histórica e coesão comunitária. Ao mesmo tempo, a espiritualidade vivida no cotidiano e a missão reinterpretada ao longo do tempo demonstram que o entardecer da vida pode ser um momento de construção de sentidos e de reelaboração identitária, no qual experiência, fé e compromisso se entrelaçam.

Diante desse panorama, as narrativas das FSCJ evidenciam uma dimensão antropológica singular: a capacidade de transformar limites em possibilidades, inscrevendo a velhice como etapa de pleno sentido, resistência e testemunho da vida consagrada no mundo contemporâneo.

Experiências de Envelhecimento e Ressignificação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus: Cuidado e Missão

Nos encontros realizados na Congregação das FSCJ, em Maceió, pôde-se observar um cotidiano permeado por cuidado mútuo, oração e partilha de experiências vividas, contidas nas memórias das Irmãs e nas atividades missionárias. Essas práticas, adaptadas às capacidades de cada integrante, revelam como a vida consagrada na terceira idade continua a produzir sentidos, fortalecer identidades e ressignificar trajetórias. É válido mencionar que algumas Irmãs permanecem ativas nas comunidades, enquanto outras,

afastadas das missões externas, dedicam-se ao cuidado da casa, da horta, do jardim e de tarefas domésticas, mantendo seu protagonismo, contribuindo para a coesão comunitária e demonstrando que o envelhecimento pode ser vivido como uma etapa de continuidade, significado e participação social.

No contexto das FSCJ, a velhice parece não ser compreendida apenas como etapa de perdas decorrentes das limitações que o tempo impõe ao corpo. Os dados registrados durante a pesquisa suscitaram reflexões no sentido de que a velhice por elas vivenciada é repleta do que considero como “tempo de graça” — entendido como um presente divino que conserva seu significado mesmo diante dos problemas de saúde que se apresentam com o avançar da idade. Meu olhar para suas vivências no envelhecimento levou-me a compreender que elas experienciam esse processo como oportunidade de aprofundamento espiritual, cuidado mútuo e participação ativa na vida comunitária.

Nesse sentido, durante os encontros etnográficos realizados, deparei-me com diversas reflexões sobre o envelhecimento elaboradas nessa convivência com elas. Entre os relatos que registrei, a Ir. Maria compartilhou sua percepção sobre o envelhecimento e o cuidado com a saúde física das FSCJ, evidenciando aspectos centrais dessa experiência:

As primeiras irmãs, as que você teve contato, são idosas. Estão aí agora, nessa situação de cuidado e foi por essa fase agora da vida delas que você entrou em contato. Então essas irmãs foram irmãs que atuaram ao longo desses 50 anos, especialmente em Alagoas. Foram os anos que essas irmãs estiveram na ativa. E toda questão na dimensão de fato, no social [...] (Diálogo com a Ir. Maria, 17/05/2025).

Como se observa na narrativa, há uma valorização da missão vivida, que remete ao passado e às experiências acumuladas. Ao mesmo tempo, evidencia-se o esforço contínuo das Irmãs em permanecer úteis e ativas na Congregação, ainda que suas formas de atuação se reorganizem diante das limitações físicas e do envelhecimento. Essa reflexão evidencia que, nesse contexto, o envelhecimento não se reduz a perdas, mas constitui oportunidade de continuidade da participação comunitária, ressignificação da missão e fortalecimento da identidade coletiva.

Tal percepção se relaciona diretamente com o anseio das Irmãs de “continuar servindo”. Nesse sentido, Dendena; Dallazen; Lyra; Tosi (2020) destacam que a religiosidade pode atuar como fator de envelhecimento bem-sucedido, fornecendo uma estrutura simbólica e redes de apoio que favorecem a interação social, a manutenção de

vínculos e a redução dos efeitos negativos da solidão e do estresse. São dados que constatei durante a pesquisa de campo ao conviver com as FSCJ idosas que encontravam em Maceió esse local de envelhecimento bem-sucedido através da convivência solidária entre elas.

Ainda em conversa com a Ir. Maria, ela explicou o contexto das paróquias no momento em que as Irmãs chegaram a Alagoas, ressaltando a amplitude das atividades desenvolvidas e o engajamento das FSCJ em diferentes áreas de serviço comunitário:

[...] era paróquia sem padres. As irmãs ajudavam em tudo. Elas ajudavam aquelas comunidades, então na linha das mulheres: eram cursos de corte de costura, de bordado. As irmãs ajudaram em todas as áreas. As professoras nas escolas ajudavam na orientação na formação. A partir dessa motivação de Jesus do evangelho. Elas ajudavam em todos os leques que eram necessidade das pessoas. Agora, então, essas irmãs estão aí com a vida fragilizada necessitando de cuidados de atendimento [...] (Diálogo com a Ir. Maria, 17/05/2025).

Considera-se, assim, que essa fala da Ir. Maria evidencia uma estreita interligação entre memória, identidade e religiosidade no cotidiano das Irmãs idosas. Observou-se que as experiências acumuladas ao longo de décadas de atuação missionária — mesmo diante de limitações físicas atuais — continuam a conferir sentido, propósito e continuidade ao envelhecimento. Além disso, ressalta-se que a religiosidade não se restringe a uma dimensão espiritual, funcionando também como suporte social e simbólico, favorecendo um envelhecimento mais resiliente e significativo (Dendena; Dallazen; Lyra; Tosi, 2020).

A partir desses diálogos em entrevistas realizadas, foi possível perceber a satisfação das FSCJ ao compartilharem suas memórias, evidenciando que o vínculo com a missão e com a comunidade continua a nutrir sua identidade, mesmo diante da redução das capacidades físicas. A observação das práticas cotidianas — como o cuidado mútuo, a oração e a participação na vida comunitária — demonstra que a fé e a convivência constante funcionam como forças estruturantes, permitindo que as FSCJ enfrentem os desafios do envelhecimento com significado e propósito dentro da vida comunitária.

Nesse contexto, a fala da Ir. Maria revela uma compreensão profunda sobre protagonismo e continuidade da missão entre as FSCJ idosas. Ao afirmar que “numa escuridão total, um fósforo aceso é melhor do que nada” e que “uma gota sempre conta também no mar”, ela destaca como pequenas ações, mesmo limitadas, podem ter impacto significativo na vida comunitária e social. Essa perspectiva evidencia que o envelhecimento, embora marcado por restrições físicas, não implica passividade ou

omissão; ao contrário, possibilita às religiosas exercerem influência simbólica e prática por meio de gestos cotidianos, consolidando a ressignificação de suas trajetórias e fortalecendo a identidade pessoal e coletiva.

Sob o olhar antropológico, essa compreensão indica que o envelhecimento no contexto da vida consagrada não se reduz a perdas ou limitações, mas configura-se como um espaço de continuidade, produção de significado e fortalecimento de laços sociais. Cada “gota” de ação representa uma maneira de permanecer ativo no campo comunitário, mobilizando experiências acumuladas ao longo da vida missionária para (re)afirmar seu papel, memória e legado social, mesmo diante das fragilidades físicas inerentes à idade avançada.

Atualmente, grande parte das FSCJ encontra-se na terceira idade e já não consegue participar das missões de forma ativa. Essa condição, embora natural no ciclo da vida, evidencia um ponto de tensão entre o ideal missionário de disponibilidade constante e os limites impostos pelo corpo envelhecido. A necessidade de cuidados especializados em saúde não se apresenta, portanto, apenas como questão prática, mas como um desafio simbólico para a Congregação: como conciliar o carisma da missão com a realidade da dependência e da fragilidade física? Ao acompanhar de perto o cotidiano dessas religiosas, pude perceber que, mesmo em meio às limitações, permanece um esforço de ressignificação da missão, agora traduzida em gestos de cuidado mútuo, oração e presença comunitária.

O perfil etário das FSCJ apresentado na Tabela 1, não deve ser lido apenas como dado demográfico, mas como expressão de um processo histórico e social que interpela a Congregação a refletir sobre novas formas de viver o envelhecimento na vida consagrada.

Faixa Etária	Estado de Origem					Total Geral
	AL	PB	BA	PI	RS	
39 - 49 anos			2	1		3
50 - 59 anos	2					2
60 - 69 anos		1	1		1	3
70 - 79 anos					4	4
80 - 89 anos					7	7
90 anos ou mais					1	1
Total	2	1	3	1	13	20

Tabela 1 – Perfil etário e territorialidade das FSCJ residentes nas casas de acolhimento da Congregação em Maceió/AL.
Fonte: Dados coletados in loco (Campo da Pesquisa) em 26/02/2025.

Dados apresentados na Tabela 1 acima revelam que a maior concentração etária das missionárias FSCJ em Maceió situa-se entre 80 e 89 anos, seguida pela faixa de 70 a 79 anos, havendo ainda a presença de uma religiosa com mais de 90 anos. Esses números, à primeira vista meramente estatísticos, ganham densidade analítica quando observados sob uma perspectiva etnográfica: evidenciam não apenas o processo de envelhecimento de um grupo religioso específico, mas também a transformação histórica de uma Congregação que já foi composta majoritariamente por mulheres jovens e ativas em missões. Hoje, o corpo congregacional é marcado pela presença de idosas cuja trajetória de vida traduz a passagem do tempo em sua dimensão biológica, mas também em sua dimensão simbólica e coletiva. As narrativas colhidas em campo evidenciam que o envelhecimento traz fragilidades físicas inegáveis, mas, simultaneamente, (re)afirma um forte sentimento de pertença e de continuidade da missão, ainda que em novas formas de atuação e cuidado.

Quanto à naturalidade em termos de local de nascimento, observa-se uma diversidade de origens entre as FSCJ, sobretudo as que habitam no Nordeste (Alagoas, Paraíba, Bahia e Piauí). No entanto, chama atenção a predominância de missionárias provenientes da Região Sul do país. Esse dado não deve ser lido apenas em termos demográficos: uma vez que carrega implicações culturais e identitárias profundas. Ademais, nas entrevistas realizadas, emergiu com frequência a memória do deslocamento, das tensões e das adaptações necessárias para deixar o Sul e assumir uma missão no Nordeste — contexto marcado por desigualdades sociais mais acentuadas e por uma religiosidade popular intensamente enraizada. Tal experiência pode ser compreendida à luz do conceito de *habitus* (Bourdieu, 1989), uma vez que o deslocamento inter-regional exigiu das religiosas a incorporação de novos códigos culturais, reelaborando disposições previamente formadas no Sul e adequando-as às práticas locais do Nordeste.

Nesse sentido, o ritual fúnebre da Ir. Quitéria constitui uma situação etnograficamente relevante para compreender como trajetórias individuais são reinscritas na memória coletiva da Congregação. Durante a cerimônia, a fala da Ir. Luzia não apenas recuperou dados biográficos da religiosa, mas também selecionou elementos simbólicos que a vinculavam à história e ao carisma institucionais. Segundo a narrativa apresentada no rito, a Ir. Quitéria nasceu em 1934, em Santo Cristo (RS), e ingressou, em 1958, no postulado da Congregação, aos 24 anos, no Hospital São Vicente, em Três de Maio (RS).

Desse modo, dentro do espaço ritualístico, essas informações deixam de operar apenas como registro biográfico e passam a compor uma narrativa institucional de

pertencimento, por meio da qual a trajetória individual é articulada à história mais ampla da Congregação. Nessa perspectiva, o rito pode ser lido como um dispositivo de elaboração da perda e de reafirmação identitária, aproximando-se do que Halbwachs (1990) define como memória coletiva: a reconstrução social de lembranças individuais em um quadro compartilhado de sentido.

A trajetória missionária da Ir. Quitéria evidencia, de modo exemplar, o caráter transnacional e intercultural da vida consagrada. Em março de 1978, já como missionária, deixou a Província Nossa Senhora Aparecida e partiu para Porto de Pedras (AL), onde atuou na pastoral educacional e integrou o quadro docente do Estado até 1985. Posteriormente, sua disposição para o serviço a levou a atravessar fronteiras nacionais, partindo para a Europa (Itália e Suíça) a fim de se preparar linguisticamente para o trabalho missionário na República Centro-Africana. Em 1993, retornou a Maceió para tratamento de saúde, ocasião em que realizou um estágio em saúde alternativa, formação que posteriormente incorporou em sua atuação missionária na África. Esses deslocamentos reiteram a centralidade da mobilidade como valor institucional, em consonância com o trabalho missionário da Congregação, que implica não apenas mudanças espaciais, mas também contínua negociação cultural e simbólica.

A narrativa apresentada no velório permite compreender que, ao reconstituir a vida da Ir. Quitéria a comunidade não apenas celebra sua biografia individual, mas também reinscreve sua trajetória no tecido simbólico da Congregação. O gesto de “trazer presente” familiares, amigos e a Província religiosa, como enunciado no discurso ritual, reforça que a morte não rompe os laços de pertencimento, mas os reconfigura. Por este viés, a continuidade da missão é reinterpretada como intercessão junto a Deus, assegurando uma permanência espiritual que transcende os limites da existência terrena.

Sob a ótica antropológica, o velório se revela como um “processo ritual” (Turner, 1974, p. 6) e, ao mesmo tempo, como um “drama da estrutura e antiestrutura” (Turner, 1974, p. 6), no qual tensões entre perda e continuidade são resolvidas simbolicamente. Ao rememorar suas origens, deslocamentos e serviços, as FSCJ reafirmam valores centrais da Congregação — como desprendimento, mobilidade, cuidado e espiritualidade —, transformando a morte em ocasião de reforço identitário e de fortalecimento da memória social. Aqui, é possível observar a experiência das “communitas” (Turner, 1974, p. 6), isto é, a vivência de uma intensa coesão espiritual que atravessa fronteiras individuais, consolidando um sentimento de pertencimento renovado.

Além disso, em diálogo com Geertz (2001), o velório pode ser analisado como um contexto ritual no qual a experiência religiosa não se reduz à interioridade da fé, mas se inscreve em processos coletivos de atribuição de sentido, produção de identidade e reafirmação de pertencimentos. Nesse enquadramento, a rememoração da trajetória da Ir. Quitéria, no interior da cerimônia, converte a biografia individual em linguagem institucional da memória, por meio da qual a Congregação elabora a perda e reafirma, simbolicamente, a continuidade de seu legado comunitário.

Diante das considerações aqui apresentadas, a presença das FSCJ não pode ser interpretada unicamente como expressão de mobilidade geográfica. Trata-se, sobretudo, de um processo de descentramento e ressignificação identitária, no qual trajetórias individuais, expectativas institucionais e realidades locais se entrelaçam. Nesse movimento, as missionárias reinscrevem suas identidades ao mesmo tempo em que deixam marcas nos territórios em que atuam, compondo um quadro etnográfico no qual envelhecimento, memória e pertencimento se articulam de forma indissociável.

CASA	Estadia Permanente	Estadia p/ Tratamento	Em Missões (Passagem)
Casa Mons. Benáglio	9	6	0
Recanto Sagrado Coração de Jejus	0	0	6
TOTAL	9	6	6

Tabela 2 - Distribuição das FSCJ nas Casas segundo o tipo de estadia – fevereiro de 2025.

Fonte: Dados coletados in loco (Campo da Pesquisa) em 26/02/2025.

Outro aspecto evidenciado pela observação etnográfica, refletido na Tabela 2, refere-se ao tipo de estadia das missionárias nas Casas da Congregação. Mais do que um dado organizacional, essa informação ilumina os modos pelos quais as religiosas estruturam sua convivência, constroem redes de apoio e articulam estratégias de cuidado mútuo. Durante as visitas e interações etnográficas, foi possível observar que a vida comunitária permanece como eixo central da identidade das FSCJ, funcionando como mecanismo de coesão social capaz de se adaptar às exigências da idade avançada e às necessidades de acompanhamento especializado. Esse dado sugere que a organização do cotidiano não é apenas prática, mas carregada de significado simbólico, refletindo valores institucionais internalizados pelas religiosas.

Essa constatação pode ser interpretada à luz do conceito de “poder sobre o grupo” de autoria de Bourdieu (1989, p. 117), que remete à capacidade de constituir um coletivo mediante a imposição de princípios compartilhados de organização, divisão de funções e visão comum, garantindo identidade coletiva e unidade reconhecida. No caso das FSCJ, percebe-se que a coesão do grupo não depende exclusivamente da execução de funções missionárias ativas; ela se sustenta na contínua negociação de pertencimento e reconhecimento mútuo, mediada pelo carisma, pela espiritualidade e pelas práticas cotidianas de cuidado. Esse ponto evidencia que a identidade comunitária é performativa, construída e reforçada através de interações regulares, mesmo em contextos de fragilidade física.

Assim, mesmo diante de limitações físicas e da idade avançada, as religiosas continuam a atuar como agentes da manutenção do tecido comunitário, demonstrando que o envelhecimento não deve ser interpretado como desmobilização social, mas como reorganização das formas de participação e preservação de laços. A análise etnográfica indica, portanto, que as Casas funcionam como espaços de sociabilidade e de reprodução simbólica, onde o cuidado mútuo e a pertença comunitária estruturam não apenas a rotina diária, mas também a própria experiência do envelhecimento no contexto da vida consagrada. Nesse sentido, o envelhecimento adquire dimensões sociais, simbólicas e identitárias, mostrando-se indissociável das práticas e valores compartilhados que sustentam a Congregação.

Entre o Sentir e o Sentido: Religiosidade, Gênero e o “entardecer da vida” entre as Filhas do Sagrado Coração de Jesus

À luz das reflexões de Almeida (2013), torna-se possível analisar como a sociedade de consumo influencia a percepção de valor e utilidade dos indivíduos, com atenção especial à experiência social e simbólica dos idosos. O autor levanta questionamentos pertinentes, como: “Quanto tempo dura um novo saber? Não o tempo necessário para envelhecer. Morre antes disso. Morre jovem” (Almeida, 2013, p. 10) e “o que se faz do velho? Não nos referimos ao obsoleto deteriorado e inutilizável [...] Sim, falamos do velho novo e do novo velho” (Almeida, 2013, p. 10).

A partir dessas indagações, Almeida (2013) demonstra como a sociedade de consumo, ao promover a obsolescência acelerada de produtos, saberes e até mesmo das

posições-sujeito, cria uma lógica na qual o valor do indivíduo está intrinsecamente ligado à sua capacidade de se manter novo e competitivo. Nessa lógica, a relevância social é associada à juventude, à produtividade e ao poder de consumo, tratando os indivíduos como mercadorias que devem se manter atualizadas, sob o risco de se tornarem obsoletas. Tal perspectiva marginaliza aqueles que, como os idosos, fogem desse ideal de permanente renovação e competitividade.

Durante as visitas à Congregação, observou-se que essa lógica mercantil é deslocada e não se aplica ao cotidiano das FSCJ. Entre as Irmãs, a relevância de cada indivíduo é construída a partir de sua participação na comunidade, do cuidado com o outro e da memória compartilhada, aspectos que permanecem significativos mesmo quando a capacidade física diminui.

Nesse movimento de contraposição à lógica mercantil que associa valor social à produtividade e à juventude, a noção de cuidado emerge como categoria analítica central para compreender o envelhecimento no interior da Congregação. Conforme aponta Guita Debert (1999), velhice e cuidados com a saúde tendem a aparecer, no senso comum, como dimensões indissociáveis, frequentemente atravessadas por uma leitura medicalizante do corpo que envelhece e pela percepção da perda de funcionalidade.

No entanto, os dados etnográficos revelam que, entre as FSCJ, o cuidado não se restringe à atenção à saúde física nem se organiza de forma unidirecional. Corroborando essa perspectiva, Barbieri e Sarti (2016) mostram que o cuidado institucional da velhice não se reduz a respostas técnicas à dependência, mas envolve representações morais, afetos e formas socialmente organizadas de atenção.

Em consonância com as reflexões de Marcia Reis Longhi (2018, 2019), observa-se uma trama dinâmica de trocas, na qual as Irmãs idosas são, simultaneamente, cuidadas e cuidadoras, especialmente aquelas consideradas “mais jovens” dentro da própria velhice, reafirmando redes femininas de apoio, reciprocidade e interdependência. Essa vivência cotidiana aproxima-se da ética do cuidado formulada por Tronto (1993; 2020), ao reconhecer a vulnerabilidade como condição humana compartilhada e o cuidado como prática social, moral e política fundamental para a sustentação da vida coletiva. Assim, no contexto das FSCJ, cuidar e ser cuidado não configuram sinais de fragilidade, mas expressões de pertencimento, continuidade da missão e reorganização das formas de participação comunitária no entardecer da vida.

No contexto das FSCJ, dados etnográficos revelam que o pertencimento e o reconhecimento social não são vinculados à idade ou à produtividade econômica. Ao

contrário, práticas de cuidado mútuo e de transmissão de saberes fortalecem a identidade e a relevância social de cada irmã, mostrando que o valor social pode ser redefinido fora das lógicas mercantis.

Além disso, tais reflexões ganham pertinência ao permitir confrontar a lógica mercantil externa com as formas de valorização interna da Congregação. Enquanto a sociedade de consumo tende a desvalorizar a velhice, as práticas comunitárias das FSCJ demonstram mecanismos alternativos de reconhecimento e protagonismo social. Aqui, a importância de cada Irmã não se vincula à produtividade econômica, mas à participação, à memória coletiva e à transmissão de saberes acumulados. A partir disso, esse contraste evidencia uma forma de sociabilidade que ressignifica o envelhecimento, atribuindo-lhe sentido e relevância mesmo diante das limitações físicas.

Em conversa com a Ir. Maria, percebe-se que mesmo as Irmãs afastadas das missões ativas continuam se sentindo agentes relevantes. Elas relatam que a contribuição no cuidado com a casa, no apoio às colegas e na oração coletiva mantém sua presença significativa na vida comunitária.

Por sua vez, a análise etnográfica revela ainda que o envelhecimento entre as FSCJ é atravessado pela intersecção entre gênero, religiosidade e práticas de cuidado. Nessa direção, Bispo (2025) propõe compreender o envelhecimento como experiência atravessada por negociações emocionais e sociais ligadas ao gênero e ao curso da vida, enquanto Joan Scott (1986) permite tratar o gênero não apenas como atributo descritivo, mas como categoria analítica que organiza diferenças, posições e formas de reconhecimento social.

Ao optarem por uma vida consagrada, as religiosas renunciam voluntariamente a modelos tradicionais de família, maternidade e casamento. No entanto, essa renúncia não implica ausência de vínculos afetivos ou de cuidado; ao contrário, como observa Pires (2004), a vida comunitária entre religiosas estabelece redes densas de solidariedade, reciprocidade e acolhimento, que se tornam particularmente significativas durante o envelhecimento.

Nas observações de campo, notou-se que o cuidado com o bem-estar físico é permeado por sentidos e significados simbólicos. Nessa direção, Norget, Napolitano e Mayblin (2017) permitem compreender o catolicismo como uma forma social, institucional e incorporada de vida religiosa, o que ajuda a situar o cotidiano das FSCJ como objeto propriamente antropológico.

As Irmãs idosas compartilham memórias, ensinam práticas de fé e apoiam emocionalmente as mais novas, criando uma rede intergeracional que reforça identidade, pertencimento e continuidade do carisma. Nessa mesma direção, a etnografia de Vicentin (2021) sobre vida religiosa consagrada e doença de Alzheimer reforça essa perspectiva ao mostrar que a experiência do adoecimento e do cuidado, entre religiosas católicas, é elaborada por meio de afetos, práticas e silêncios próprios da vida comunitária.

Para as FSCJ, o carisma representa a espiritualidade e a missão da congregação, centradas no amor e na caridade de Jesus, manifestadas em práticas de misericórdia, acolhimento e serviço que orientam a vida cotidiana das Irmãs. Por esse viés, em diálogo com os estudos de Brum (2020), pode-se observar que a espiritualidade, em contextos religiosos femininos, não opera apenas como crença interior, mas como prática coletiva que organiza cuidado, vínculo e ação no cotidiano.

Tal vivência do carisma contribui diretamente para a compreensão do ‘entardecer da vida’, entendido neste estudo como a etapa do envelhecimento. Nesse ponto, Beauvoir (1990) ajuda a pensar a velhice não como simples declínio biológico, mas como condição socialmente significada, atravessada por valores, imagens e formas de reconhecimento, aspecto que se torna visível, no caso das FSCJ, nas maneiras pelas quais a idade avançada é ressignificada no interior da vida comunitária.

Para as Irmãs, essa fase configura-se como um período de reflexão, sabedoria e renovação. Trata-se de uma etapa que integra concepções de vida envolvendo nascimento, desenvolvimento e morte, permitindo a reinterpretação do sentido da existência e a reinvenção de propósitos. Nessa perspectiva, a velhice não se reduz ao declínio físico, mas abre espaço para novas maneiras de perceber o mundo e para reaprender modos de viver (Beauvoir, 1990).

Durante os encontros etnográficos, as FSCJ frequentemente articulavam suas histórias de vida com lições de fé e reflexão espiritual, demonstrando que o envelhecimento é vivido como tempo de aprendizagem e de compartilhamento de saberes, conferindo sentido e propósito contínuos.

Para as FSCJ, o ‘entardecer da vida’ é frequentemente elaborado por meio de formulações espirituais que associam envelhecimento, finitude e plenitude. Mais do que simples expressão devocional, tais enunciados funcionam como linguagem moral por meio da qual as religiosas atribuem sentido à velhice e à proximidade da morte.

Dessa forma, ao articular gênero, religiosidade e cuidado, observa-se que as FSCJ ressignificam o envelhecimento. Isto é, longe de ser percebido apenas como processo de perdas, o entardecer da vida é vivido no âmago da Congregação como tempo de acolhimento, solidariedade e reafirmação espiritual, preservando tanto a dignidade quanto a identidade de cada Irmã. As visitas etnográficas evidenciaram que esse “núcleo” comunitário não se limita a práticas formais de cuidado, mas se manifesta em gestos cotidianos — na partilha de histórias, no acompanhamento das Irmãs mais idosas e na atenção mútua —, reforçando o sentido de pertencimento e continuidade da missão.

Portanto, nota-se que, nesse contexto, a velhice, quando analisada etnograficamente, não se apresenta apenas como etapa biológica, mas como espaço de produção social e simbólica, mediado por práticas comunitárias, memória compartilhada e cuidado mútuo (Beauvoir, 1990; Bispo, 2025; Norget; Napolitano; Mayblin, 2017). Tais elementos aproximam o caso das FSCJ de discussões contemporâneas que tratam o envelhecimento como experiência socialmente produzida, atravessada por gênero, relações de cuidado e formas institucionais e religiosas de elaboração da vida cotidiana (Bispo, 2025; Barbieri; Sarti, 2016; Vicentin, 2021).

Embora marcada por limitações físicas, a velhice não fragiliza a experiência comunitária; ao contrário, reafirma laços, memória e carisma, mostrando que a identidade das FSCJ se mantém dinâmica, resiliente e profundamente inserida no campo simbólico e social da Congregação, reafirmando suas (re)existências.

Por outro lado, quando ocorre a passagem para o “entardecer da vida” de algumas religiosas, seja em decorrência da idade avançada ou de enfermidade, observa-se que tais momentos se configuram como instantes de profunda comoção para a Congregação, mobilizando memórias, afetos e práticas ritualizadas de cuidado. Nesse contexto, o Livro dos Deveres, de Santa Teresa Verzeri (1981, p. 131), orienta que “o tempo é precioso porque nos dá meios para merecermos uma eternidade feliz. Mas a morte é mais preciosa ainda, pois nos introduz na felicidade eterna”. Essa reflexão converge com a perspectiva de Ana Claudia Quintana Arantes (2016, p. 28), ao afirmar que “as pessoas morrem como viveram”. Se nunca viveram com sentido, dificilmente terão a chance de viver a morte com sentido”. Assim, no contexto das FSCJ, a morte é elaborada menos como ruptura definitiva e mais como continuidade simbolicamente construída da trajetória missionária.

E foi assim, imersa nesse sentimento, que, em 08 de janeiro de 2025, recebeu-se a notícia do falecimento da Ir. Quitéria, aos 91 anos. Foi nesse contexto que acompanhou-se o ritual, realizado na capela funerária. A cerimônia mobilizou elementos associados, no

interior da Congregação, à simplicidade e à humildade, categorias recorrentes na elaboração da trajetória da Ir. Quitéria.

A chegada à Central de Velórios Plasvida, localizada na Travessa Calábria, n. 72, no bairro do Prado, ocorreu por volta das 13h, e as práticas rituais incluíram a reza do terço, orações a Santa Teresa Verzeri e a celebração da Santa Missa às 15h. Destaca-se, nesse rito, a fala emocionada do Ir. Luzia, que expressou gratidão pela vida devotada da Ir. Quitéria, seguida da leitura de um resumo biográfico, por meio do qual sua trajetória foi reinscrita na memória coletiva da Congregação.

[...] Nós, Filhas do Sagrado Coração de Jesus, hoje, trazemos presente, em particular, seus familiares, amigos, e a tua Província, que fazem parte da peregrinação confiada a ti. Temos a certeza de que, junto de Deus continuarás tua missão intercedendo por nós. Obrigada, Ir. Quitéria! (Diálogo expresso por Ir. Luzia, 08/01/2025).

Após a leitura do texto elaborado pelas FSCJ e expresso pela Ir. Luzia, fui tomada por uma profunda comoção, sentimento este que se mostrou compartilhado por todos os presentes. Vale ressaltar que as reações coletivas se manifestaram primeiro em aplausos, seguidos de um silêncio uníssono. Esse silêncio intenso evocava simultaneamente a saudade e um sentido de reverência à trajetória da Ir. Quitéria.

Posteriormente, por volta das 16h, iniciou-se o cortejo em direção ao cemitério Nossa Senhora da Piedade para o sepultamento. Durante o percurso, observei nos rostos das Irmãs expressões serenas, ainda que marcadas pela dor, revelando a aceitação da morte como parte integrante do ciclo da vida consagrada. Ao chegarmos, a Irmã Maria reiterou agradecimentos à Irmã Quitéria por sua vida doada e dedicada às missões, finalizando com os ritos de fé: a reza de um Pai-Nosso e três Ave-Marias. Em seguida, o túmulo foi lacrado, e aos poucos todos começaram a se retirar em silêncio respeitoso.

Ainda que se tratasse de um momento de grande pesar, tornou-se perceptível a vivência do que Santa Teresa Verzeri (1981) exorta às FSCJ em seu *Livro dos Deveres*: a preservação da união com Deus pelos laços do amor, adorando e bendizendo Sua vontade até o fim da vida. Esse ensinamento aparece, no contexto ritual, como matriz interpretativa por meio da qual as Irmãs elaboram a morte e reafirmam vínculos comunitários. Por meio de gestos e orações, renovam também o compromisso de permanecerem unidas na missão. Assim, a observação do rito permitiu perceber como o carisma é reatualizado simbolicamente diante da morte de uma integrante.

Como pesquisadora-participante do momento, evidenciou-se que a morte, imersa nesse viés, não é compreendida como ruptura, mas como continuidade de uma vida consagrada à missão. A simplicidade da cerimônia refletia não apenas a trajetória de humildade e discrição da Ir. Quitéria, mas também o modo de viver do grupo, que valoriza a simplicidade e atribui a Deus o mérito de todas as ações. Destacou-se, ainda, nos discursos, a relevância de sua atuação missionária, tanto no Brasil quanto na África, onde desempenhou papel de educadora em consonância com os objetivos do carisma.

O luto, nesse contexto, não se restringe à perda individual, mas opera como prática coletiva de elaboração da memória e do pertencimento. Nesse contexto, o luto também assume a forma de uma elaboração coletiva da trajetória da Ir. Quitéria à luz dos valores e referências espirituais da Congregação. Com isso, tornou-se evidente o princípio de que “as pessoas morrem como viveram” (Arantes, 2016), pois a Ir. Quitéria partiu com a mesma simplicidade, fé e entrega que caracterizaram sua trajetória missionária.

Dessa forma, a análise do cuidado e das redes de convivência entre as FSCJ evidencia que o envelhecimento, longe de ser apenas um período de perdas, configura-se como um momento de intensa vida comunitária, de espiritualidade compartilhada e de (re)afirmação de identidades. A observação-participante revelou que reciprocidade, escuta atenta e valorização da memória constituem elementos centrais para a manutenção do bem-estar físico, emocional e espiritual das Irmãs.

Ao articular essas práticas com as reflexões de Minayo e Coimbra Jr. (2002), tornou-se perceptível que os vínculos sociais assumem papel determinante no envelhecimento saudável, funcionando não apenas como suporte prático, mas também como expressão concreta do carisma e da missão vivida. Essa vivência permitiu compreender que, no contexto das FSCJ, a velhice é ressignificada como etapa de profundidade relacional, cuidado mútuo e continuidade da vida, sempre em consonância com a espiritualidade e o propósito da congregação.

A experiência etnográfica realizada junto às FSCJ possibilita compreender a complexidade do envelhecimento, tal como discutem Minayo e Coimbra Jr. (2002). Observando o cotidiano das Irmãs, observou-se que o envelhecimento não pode ser reduzido à doença, à privação, à dependência ou à tristeza; ao contrário, trata-se de uma etapa marcada por múltiplas dimensões de vivência, envolvendo cuidado, espiritualidade, sociabilidade e memória coletiva que o ambiente em que estão inseridas possibilita.

Durante as visitas realizadas, notou-se que cada Irmã vivencia sua própria trajetória de envelhecimento de maneira singular, influenciada por aspectos históricos, sociais e

estruturais, como classe, gênero, etnia, saúde e condições econômicas (Bispo, 2025; Scott, 1986). Essa singularidade se reflete nas rotinas comunitárias, nas formas de cuidado mútuo e na maneira como cada uma ressignifica suas experiências passadas, integrando-as à vida presente.

A observação-participante evidenciou que as fronteiras etárias e suas apropriações simbólicas são culturalmente construídas e historicamente situadas. No contexto das FSCJ, isso se manifesta nas práticas ritualizadas de cuidado, oração e celebração comunitária, que atribuem sentido à velhice não apenas como etapa biológica, mas como experiência social e espiritual.

Ainda segundo Minayo e Coimbra Jr. (2002), o envelhecimento no Brasil historicamente foi tratado como questão privada, de caridade ou de saúde, mas minhas observações indicam que, para as FSCJ, ele se torna um fenômeno social vivido coletivamente, em que cuidado, solidariedade e espiritualidade se entrelaçam. A vivência diária das Irmãs demonstra que, mesmo diante das limitações físicas da idade avançada, elas continuam exercendo papéis ativos de apoio comunitário e preservação da memória institucional, mostrando que a velhice pode ser entendida como tempo de contribuição e (re)afirmação de identidade.

Diante dessas considerações, a análise etnográfica reafirma a pertinência do viés construtivista proposto pelos autores: compreender o envelhecimento requer considerar as experiências dos sujeitos, suas trajetórias e os contextos em que estão inseridos, integrando teoria e prática para uma leitura mais sensível e completa do fenômeno (Minayo; Coimbra, 2002).

Por fim, a observação-participante permitiu perceber que o envelhecimento das FSCJ não é apenas um processo individual, mas uma construção social, coletiva e espiritual, marcada pela continuidade da vida em comunidade e pelo exercício constante do cuidado mútuo.

Considerações finais

Este estudo analisou como as Filhas do Sagrado Coração de Jesus, em Maceió/AL, compartilham e atualizam memórias, elaboram o cuidado e ressignificam o envelhecimento no interior da vida consagrada. A observação-participante realizada ao

longo de doze meses permitiu compreender que o “entardecer da vida”, nesse contexto, ultrapassa a noção restrita de etapa biológica e se configura como experiência social, simbólica e espiritual. Os dados etnográficos evidenciaram que a velhice, entre as FSCJ, não é vivida apenas como perda ou retraimento, mas como continuidade da missão, reafirmação do pertencimento congregacional e atualização de identidades religiosas.

Para a Antropologia da Religião, o estudo contribui ao mostrar que a experiência religiosa não se reduz à interioridade da fé, mas se concretiza em práticas de cuidado, memória, ritualização da morte e produção de pertencimentos coletivos. O caso das FSCJ evidencia que o catolicismo vivido em contexto congregacional feminino constitui uma forma social e institucional de elaboração do tempo, da finitude e da continuidade da missão. Nesse sentido, o “entardecer da vida” revela-se uma categoria privilegiada para compreender como a religião organiza sentidos sobre envelhecimento, morte, permanência do carisma e vida comunitária.

Para a Antropologia do Envelhecimento, a pesquisa demonstra que a velhice, entre as religiosas, é produzida na articulação entre memória, cuidado mútuo, vínculos institucionais e experiência comunitária. Em vez de significar apenas dependência, doença ou perda de utilidade, o envelhecimento aparece como reorganização de papéis, saberes e formas de participação. O estudo reforça, assim, a necessidade de compreender a velhice para além de abordagens biomédicas ou funcionalistas, reconhecendo sua densidade moral, relacional e simbólica.

No âmbito dos estudos de gênero em contextos religiosos femininos, o artigo evidencia que envelhecimento, feminilidade consagrada e cuidado não constituem dimensões separadas, mas articuladas na produção de identidades religiosas e de formas de reconhecimento no interior da vida comunitária. As trajetórias das FSCJ mostram que a velhice feminina, nesse contexto, não implica apagamento social, mas pode converter-se em fundamento de autoridade moral, transmissão de memória e referência comunitária. Ao focalizar mulheres idosas consagradas, o estudo amplia o debate sobre gênero e religião ao demonstrar que a vida consagrada constitui espaço específico de elaboração de vínculos, reciprocidades e sentidos de existência.

Por fim, considera-se que a principal contribuição deste artigo está em demonstrar que o “entardecer da vida”, entre as Filhas do Sagrado Coração de Jesus, deve ser compreendido como experiência simultaneamente religiosa, social e generificada, produzida no entrelaçamento entre memória, cuidado, missão e vida comunitária. Ao tornar visíveis essas articulações, o estudo contribui para o avanço das discussões sobre

envelhecimento em contextos religiosos femininos e reafirma a potência da etnografia para apreender formas específicas de viver o tempo, a fragilidade, a finitude e a continuidade da existência.

Referências

ALMEIDA, J. F. *O discurso da obsolescência: o velho, o novo e o consumismo*. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) –Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2013.

ALVES, R. A. S.; OLIVEIRA, J. M. *As narrativas de freiras idosas relativas às trajetórias de vida missionária*. Revista de Estudos da Religião, v. 20, n. 2, 2020.

ARANTES, A. C. Q. *A morte é um dia que vale a pena viver*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

BARBIERI, N. A.; SARTI, C. *Amor demais: o cuidado institucional à velhice*. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, v. 13, n. 1, p. 71-88, 2016. DOI: 10.1590/1809-43412016v13n1p071. Acesso: 06 abr. 2026.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIANCHI, S. *Acerca de las formas de la vida religiosa femenina. Una aproximación a la historia de las congregaciones en la Argentina*. Pasado Abierto 1, 168-199, 2015.

BISPO, R. *Queixas do viver só: emoções, gênero e envelhecimento na vida cotidiana*. Revista Estudos Feministas, v. 33, n. 1, e93870, 2025. DOI: 10.1590/1806-9584-2025v33n193870. Acesso: 06 abr. 2026.

BOSSIO, M. P. G. *Vida consagrada femenina como espacio de libertad y acción: (comentario a los escritos)*. In: Religiosas en América Latina. Memorias y contextos. Facultad de Ciencias Sociales, 2020. p. 6.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BÍBLIA. *Bíblia De Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004. 2206 p.

BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). *A vida consagrada e o envelhecimento*. Documento 85. Brasília: CNBB, 2007.

BRUM, A. *Uma espiritualidade biopolítica? Etnografia entre freiras, crianças e adolescentes portadores de HIV/AIDS*. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 40, n. 3, p. 121-142, 2020. DOI: 10.1590/0100-85872020v40n3cap05. Acesso: 06 abr. 2026.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. *Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?*. Revista de Ciências **Humanas**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 24 set. 2025.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp): FAPESP, 1999.

DENDENA, A.; DALLAZEN, C. C.; LYRA, L. R.; TOSI, P. C. S. *Religiosidade e envelhecimento bem-sucedido*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2020.

GEERTZ, C. *O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder*. In: Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 149-165, 2001.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LONGHI, M. R. *Dependência, autonomia, cuidado e velhice: considerações sob o prisma das políticas públicas*. In: CASTRO, Rosana; ENGEL, Cíntia; MARTINS, Raysa (orgs.). Antropologia, saúde e contextos de crise. Brasília: Sobrescrita, 2018.

LONGHI, M. R. *Os Dilemas de Ruth: conexões entre saúde, família e cuidados*. Revista Mundaú, 2019, n.6, p. 145-158.

MAYBLIN, M.; NORGET, K.; NAPOLITANO, V. *Introduction: The anthropology of Catholicism*. In: NORGET, Kristin; NAPOLITANO, Valentina; MAYBLIN, Maya (org.). The anthropology of Catholicism: a reader. Berkeley: University of California Press, 2017. p. 1-30. DOI: 10.1515/9780520963368-002. Acesso: 06 abr. 2026.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6. Acesso em: 05 abr. 2026.

PERUFO, K. F. *Dimensões do envelhecimento e sociabilidades na contemporaneidade: um estudo em Santa Maria/RS*. 2014. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3315/Katiusce%20Facin%20Perufo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2025.

PRATES, L. F. *Renovação da Vida Religiosa Consagrada: indicações do Papa Francisco*. Revista de Cultura Teológica, v. 93, p. 209-229, 2019. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i93.42655>. Acesso em: 15 set. 2025.

PIRES, J. A. *As freiras e suas trajetórias: vida religiosa e processo histórico*. DA/Unesp-Marília, FAPESP, 2004.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200-212, 1989.

SCOTT, J. W. *Gender: a useful category of historical analysis*. The American Historical Review, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SILVA, J. M. S.; BEZERRA, E. J. de G.; SILVA, C. C. G. da. *O ritual de envelhecer: Um Estudo Comparado entre o envelhecimento das tradições e a modernidade*. Revista Contemporânea, [S. l.], v. 5, n. 6, p. e 8328, 2025. DOI: 10.56083/RCV5N6-027. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/8328>. Acesso em: 23 set. 2025.

SUÁREZ, A. L. et al. *Religiosas en América Latina: memorias y contextos*. Santiago: CEPAL, 2005.

TRONTO, J. C. *Moral boundaries: a political argument for an ethic of care*. New York: Routledge, 1993.

TRONTO, J. *¿Riesgo o cuidado?* 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, 2020. Livro digital, EPUB (Horizontes del cuidado / 4). Tradução: Agustina Blanco. Título original *Le risque ou le care?* ©2020.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

VERZERI, T. E. *Livro dos deveres das Filhas do Sagrado Coração e do Espírito da sua Instituição Religiosa*. v. 2. Tradução do original italiano, Edizione Terza, Bérgamo: 1886. Porto Alegre, 1981.

Recebido em 29 de setembro de 2025.

Aceito em 23 de fevereiro 2026.